

Flax, por sua vez, adianta que as noções feministas de ego, conhecimento e verdade são totalmente contrárias àquelas apregoadas pelo iluminismo, sendo, por isso, mais próximas da teoria pós-moderna. "O caminho para o futuro feminista não pode se basear em reviver ou apropriar-se de conceitos do iluminismo". Seu artigo, bastante incipiente em relação ao atual estágio da teoria feminista, é dividido em seis itens, nos quais, além de posicionar o pós-modernismo como única filosofia capaz de interpretar a contemporaneidade, introduz o já conhecido problema das relações de gênero na teoria feminista. Sob o título "Pensando as relações", a autora faz um breve relato da questão vista pelas teóricas francesas, que se baseiam no estudo da linguagem, e das feministas socialistas, que tentam aplicar a teoria marxista ao feminismo, incorporando com isso as falhas históricas do mesmo.

Os dois trabalhos nos deixam dúvidas e a estranha sensação de que a teoria feminista

gravita solitária no meio desse emaranhado de contradições e instabilidades chamado pós-modernismo. Ao incluir a teoria feminista num projeto maior, no caso o pós-modernismo, não se estariam reeditando as idéias totalizantes do iluminismo? E, até que ponto a teoria feminista, assim como as teorias étnicas, não produziram, a partir de um pensamento dito descentralizador, novos centros e modos totalizantes de pensar? A própria Flax levanta a questão ao argumentar que, na teoria feminista, "a busca de um tema definidor da totalidade ou do ponto de vista feminista pode exigir a supressão de importantes vozes de pessoas com experiências diferentes das nossas". Fica claro, no entanto, que apesar dos impasses entre movimento, teoria feminista e pós-modernismo, esse conjunto de idéias vem nos permitindo dar uma nova feição não só à vida cotidiana, como a toda produção e revisão cultural.

VALÉRIA LAMEGO ■

---

## Entre a esperança e o apocalipse

### **A mulher no terceiro milênio. Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**

---

MURARO, Rose Marie

---

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992,  
205 p.

---

Em seu último livro, *A mulher no terceiro milênio*, Rose Marie Muraro realiza um autêntico *tour de force*: sintetizar, em pouco mais de 200 páginas e numa linguagem acessível, as grandes linhas do devir humano. Não é, porém, a história oficial que interessa à autora, mas aquela que raramente veio à tona antes das duas últimas décadas. Se a mulher é o fio condutor, a preocupação subjacente é com a humanidade como um todo, na tentativa sempre válida de buscar respostas para as eternas perguntas: quem somos? de onde viemos? para onde vamos? Das indagações sobre as origens à inquietude

quanto ao futuro, é clara a visão da autora: somos parte integrante da natureza, nela surgimos e dela dependemos para subsistir. E talvez a história do patriarcado seja a da negação ou do mascaramento desse vínculo.

Alinhar a história do ponto de vista da mulher é *a priori* uma atitude crítica, pois implica não só preencher as lacunas, transformando ausências em presenças, mas em desconstruir os mitos e visões unilaterais. Nos capítulos sobre as origens, os mitos são apontados: as teorias sobre o reino animal que procuram justificar uma sociedade hierárquica, coercitiva e competitiva; as idéias freudianas (e hobbesianas) sobre a 'horda primitiva' e o dualismo de Lévi-Strauss, ao colocar o tabu do incesto e a troca de mulheres como divisor universal entre cultura e natureza. Nossa existência sobre a Terra abrange uns dois milhões de anos (enquanto o patriarcado só existe há cerca de dez mil anos, ou 0,5%). O despertar da animalidade para a humanidade, com a conquista da palavra falada e da posição ereta, foi muito lento. As pesquisas mais recentes indicam que, provavelmente, nas primeiras culturas, as relações ho-

mem/mulher estavam estreitamente ligadas àquelas que os dois gêneros mantinham com o meio ambiente, através de suas formas de subsistência.

Portanto, não haveria modelo único, nem de homem das cavernas, nem de patriarcado (como avesso do patriarcado), numa época em que sequer existia a concepção de poder. Haveria, apenas, na maioria delas, uma dominância das mulheres, na medida em que o laço mais importante era entre mães e filhos, como ocorre em inúmeras espécies animais, incluindo as que nos são mais próximas. É só com a consolidação do patriarcado que as "relações de dominação (violência) do homem com a natureza terão como condição necessária para o seu funcionamento a relação de dominação entre homens e mulheres e dos homens entre si".

Em largas pinceladas, a autora situa a mulher nas fases subseqüentes, mas destaca como indispensável à compreensão das mais recentes a noção de aceleração da história, na medida em que esta se constrói não apenas por continuidade, mas também por mutações. E essa aceleração é também tecnológica, pois a cada fase de relação dos seres humanos com o meio ambiente corresponde um avanço da tecnologia.

No Ocidente, a ideologia de um progresso linear contínuo, que se estende do iluminismo do século XVIII até a I Guerra Mundial, acompanha as grandes transformações da industrialização. Mas, mesmo consideradas em termos estritamente materiais, elas estão bem longe de ser homogêneas: por vivermos num sistema competitivo, os avanços são controlados por alguns e usados como instrumentos de dominação sobre os demais. E temos o seguinte paradoxo: 90% de todas as invenções da humanidade se realizaram no século XX, mas hoje 2/3 dos seres humanos passam fome para que 1/3 possa comer exageradamente; é possível também destruir o planeta mais de cem vezes com o arsenal atômico acumulado no último meio século e, pior que isso, a exploração desenfreada está destruindo o ambiente de forma tal, que muitos prevêem que se chegará a um ponto de não retorno em duas décadas, se as tendências atuais persistirem. O sistema é também polarizante: no início do período industrial, os povos mais desenvolvidos eram apenas cinco vezes mais ricos que os mais pobres; neste século, as proporções passam, para 20 por 1 em 1960, 46 por 1 em 1980 e a velocidade do afastamento entre pobres e ricos tende a crescer ainda mais neste fim de milênio. E esse mesmo padrão concentrador se repete em cada país.

Este é o panorama visto de fora, mas como

seria o de dentro? À aceleração histórica e tecnológica corresponde uma escalada das estruturas de poder, que se cristalizaram com o patriarcado mas assumem hoje dimensões planetárias. À medida que essas relações se alteram, transforma-se a estrutura psíquica de homens e mulheres, através da socialização das gerações. Quando o patriarcado se instala plenamente, a relação entre os sexos já passara a ser de medo ou hostilidade. O homem foge do afeto que o torna vulnerável, um risco que pode ser mortal nas sociedades patriarcais mais rígidas. Sua libido se cinde e se dirige em parte a objetos não-corpóreos e a várias modalidades de controle.

A racionalidade passa a prevalecer sobre a imaginação e a emoção e é essa racionalidade dissociada que comanda a história, através da violência e da competição em todos os níveis. O corpo é reprimido em favor do espírito, a intuição cede lugar à inteligência linear. A cisão também se verifica na divisão entre âmbito público e privado e na divisão sexual e social do trabalho. O conflito substitui a solidariedade e a cooperação. Mas, sob essa estrutura competitiva abrangente, a maioria das mulheres permanece ligada aos antigos valores, porque, confinadas ou não ao privado, sua função mais importante continua a ser a de cuidar da geração e conservação da vida. Por isso, as dicotomias emoção/razão e corpo/espírito são nelas menos acentuadas. Assim, embora as chamadas características femininas sejam culturalmente desvalorizadas, são elas que ainda permitem uma certa integridade, enquanto o homem precisa necessariamente se dividir para cumprir o seu papel. É como se todos fossem carimbados até o mais íntimo de seus seres sexuais, processo que se manteve com poucas variações durante milênios.

No fim do século XX, entretanto, é a própria divisão sexual e social do trabalho que está mudando e a entrada em massa das mulheres no domínio público cria condições para pôr fim a essa dicotomia. O sistema deixou de ser monolítico e é trabalhado por suas próprias contradições, mas a mudança de mentalidade de homens e mulheres é um processo muito mais lento e complexo. Apesar disso, pode-se dizer que se esboça uma revolução subterrânea, em boa parte mal avaliada ou não percebida em todas as suas potencialidades. Se a competição está na base da destruição, só o retorno a valores a ela opostos, e que governaram a vida humana durante muito mais tempo, poderia brecá-la.

A permanência ou não da espécie depende, pois, de como os seres humanos vão se

comportar neste fim de milênio, que aponta também para o fim do patriarcado. Estamos, assim, naquele momento crítico em que, na expressão lapidar de Gramsci, o antigo está morto mas o novo ainda não acabou de nascer. Neste trabalho de parto, o papel da mulher é também crucial, mas as transformações necessárias para reverter o processo destrutivo vão bem além de uma simples mudança na condição feminina. Implicam igualmente em novas maneiras de conceber o conhecimento, a ciência e a tecnologia. Um conhecimento que não se afaste do concreto e do vivido, e que já seria ético por sua própria definição, exigiria uma postura epistemológica não-dualista, a qual só poderia se desenvolver numa era pós-econômica. A satisfação das necessidades reais teria de substituir a produção e o consumo compulsórios e modelos alternativos de partilha mais equilibrada teriam de substituir a selvageria do mercado.

Utopia – dirão aqueles para quem a mudança é heresia ou os desiludidos com as heresias que substituíram as religiões, transformando-se em ideologias. Quando temperada com boa dose de realismo, ela não é escapismo, mas desafio: "a superação do patriarcado e do sistema competitivo"... diz Rose, ..."não é algo para a atual geração; mas se não se concretizar nas duas ou três que nos seguirão, pode simplesmente não ocorrer em tempo hábil". Ao afirmar que "a necessidade de sobreviver é a única mola que impulsiona qualquer utopia", em vez de nos servir um 'refogado' insípido de dogmas fechados ou a 'dobrada à moda do Porto frio' do conformismo ou do desespero nihilista, Rose prefere nos oferecer um prato mais saboroso: a possibilidade de uma esperança inteligente.

MARIA CARNEIRO DA CUNHA ■

## Uma vanguarda crítica em revista

### Impressões nº 3

Ed. Mulher Inteligente, Curitiba, 1992, 62 p.

Impressões lança seu número zero em 1987. Na capa, como chamada, a conjunção de duas idéias-força: Feminismo e Cultura. O número 2, publicado dois anos depois, mantém a mesma chamada, então correlacionada pela identificação: Feminismo é Cultura. São precisos – infelizmente – mais três longos anos para que, novamente, Impressões, sem chamada de capa, nos venha brindar com esse *mix*, que lhe é peculiar, de humor, rebeldia, engajamento e abertura. Ingredientes que tornam o alternativo sofisticado e interessante.

Porque Impressões mantém-se – por opção consciente e não por imposição destes tempos recessivos em idéias e recursos – uma revista deliberadamente alternativa. Alternativa por garantir um espaço de debate feminista sem entraves, por resistir às intempéries que fazem naufragar tantos projetos coletivos (os conselhos executivo e consultivo da revista permanecem solidários, as leitoras e leitores também), por persistir no desejo de permanecer verdadeira, numa radicalidade própria, sem compromissos de conjuntura.

Neste número mais recente, e ainda modesto no tamanho, Impressões reafirma a importância da cultura feminista, seja ao falar da escritura das mulheres, "escritura do corpo", como define a entrevistada, a escritora Hélène Cixous, seja ao abordar a produção das mulheres no teatro brasileiro, num texto de Ana Maria Taborda, seja ao enfatizar o lado literário do movimento de mulheres, logo, de uma outra cultura política, no artigo de Eleonora Menicucci de Oliveira, seja, ainda, ao ampliar, numa resenha do livro de Susan Brownmiller (Contra nossa vontade), o resgate da denúncia dos estupro praticados em épocas de guerra e até muito recentemente esquecidos e discriminizados como males menores, numa hierarquia de atrocidades instituída a partir do corte de gênero. Hierarquia, portanto, absurda.

De grande interesse, o dossiê sobre as mulheres do Leste europeu, de autoria de Slavenka Drakulic, jornalista e escritora feminista iugoslava, publicado na revista americana Ms. Procurando despojar-se de alguns preconceitos contra suas vizinhas da Hungria, Polônia, Tcheco e Eslováquia, Bulgária e da antiga União Soviética, aquelas mesmas que no verão circulavam entre os vários países do bloco socialista, em